



Análise Estratégica

Edição Especial: A Crise Político-Militar na Turquia

ANO 1. NÚMERO 2. SET/NOV 2016





Análise Estratégica

Edição Especial: A Crise Político-Militar na Turquia

ANO 1. NÚMERO 2. SET/NOV 2016



Análise Estratégica

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO

O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx) é subordinado ao Estado-Maior do Exército e foi criado pela Portaria nº 051-EME, de 14 Jul 03, para estudar e propor políticas e estratégias organizacionais.

EQUIPE

CHEFE

Cel Art Jacintho Maia Neto

ANALISTAS

Cel Art Valerio Luiz Lange

Cel R1 Paulo Cesar Leal

Cel R1 Bento Paulos Cabral

Cel R1 Moraes José Carvalho Lopes Júnior

Ten Cel Érico da Silva Ferreira

COORDENADORA DE PESQUISA

Prof. MSc. Mariana Oliveira do Nascimento Plum

ADJUNTO DE INFORMÁTICA

1º Ten OTT Everton Alex Rodrigues

AUXILIARES

1º Sgt Com Vanderson Martins

Cb Valdeci de Sousa Lima Junior

ANÁLISE ESTRATÉGICA

Análise Estratégica é uma publicação trimestral do Centro de Estudos Estratégicos do Exército dedicada aos temas que impactam a preparação da Força Terrestre e a Defesa Nacional. É resultado dos trabalhos realizados pelos pesquisadores e analistas do CEEEx.

CONSELHO EDITORIAL

Cel Art Jacintho Maia Neto

Cel Art Valerio Luiz Lange

Cel R1 Paulo Cesar Leal

Cel R1 Bento Paulos Cabral

Cel R1 Moraes José Carvalho Lopes Júnior

Ten Cel Érico da Silva Ferreira

Prof. MSc. Mariana Oliveira do Nascimento Plum

REVISÃO TÉCNICA

Prof. MSc Mariana Oliveira do Nascimento Plum

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Prof. MSc Mariana Oliveira do Nascimento Plum

1º Ten OTT Everton Alex Rodrigues

1º Sgt Com Vanderson Martins Barbosa

PERIODICIDADE

Trimestral

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel General do Exército – Bloco J – 1º andar

70630-091 – Setor militar Urbano – Brasília/DF

Telefone: (61) 3415-4597

ceeex@eme.eb.mil.br

Disponível em PDF na página eletrônica:

www.ceeex.eb.mil.br

Análise Estratégica. Ano 1. Nº 2. Set/Nov 2016. Brasília. Exército Brasileiro. Estado Maior do Exército. Centro de Estudos Estratégicos do Exército. 22 P.

ISSN: 2525-457X.

1. América do Sul e Entorno Estratégico.

2. Conflitos Armados Contemporâneos.

3. Economia e Defesa Nacional.

Sumário

A CRISE POLÍTICO-MILITAR NA TURQUIA

Prof. Dr. Alcides Costa Vaz

Implicações geopolíticas da crise na Turquia..... 01

Gen Bda R1 Luiz Eduardo Rocha Paiva

A crise político-militar na Turquia em 2016: ensinamentos..... 07

Prof. Dr. Peterson Ferreira da Silva

Economia e Base Industrial de Defesa na Turquia..... 16

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Centro de Estudos Estratégicos do Exército.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

Reproduções para fins comerciais são proibidas.

ALCIDES COSTA VAZ*

IMPLICAÇÕES GEOPOLÍTICAS DA CRISE NA TURQUIA

Ademais de sua bem conhecida condição de ponte entre a Europa, o Oriente Médio e a Ásia Central, o território da Turquia e seu entorno constituem-se no espaço para o qual convergem dinâmicas de três importantes contextos geopolíticos conformados em torno dos flancos sul e leste do Mediterrâneo, do Mar Negro e do Mar Cáspio (ver mapa 1), cuja importância deriva de um diverso conjunto de fatores, dentre os quais destacam-se:

- (i) Presença e sobreposição de interesses estratégicos competitivos das grandes potências, notadamente os Estados Unidos, a União Europeia e a Rússia ;
- (ii) Importância econômica associada à existência de grandes fontes de insumos energéticos próximas de um grande mercado de destino, a União Europeia;
- (iii) Aspirações hegemônicas, no plano regional, de parte de quatro países (a própria Turquia, Irã, Israel e Arábia Saudita);
- (iv) Importantes disputas políticas, territoriais e étnicas e reivindicações de autonomia (Geórgia, Iraque, Síria, Armênia, Chipre), com destaque, para efeitos da presente análise, daquela propugnada pelos curdos;

* É bacharel em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1982), mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1987) e doutor em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (2001). Atualmente é professor da Universidade de Brasília.

- (v) Fatores de insegurança de caráter transnacional que se reforçam mutuamente (fluxos migratórios, questões étnicas, terrorismo). É nesse contexto mais amplo que se consideram, na presente análise, os efeitos geopolíticos mais imediatos da recente crise na Turquia.

Figura 1



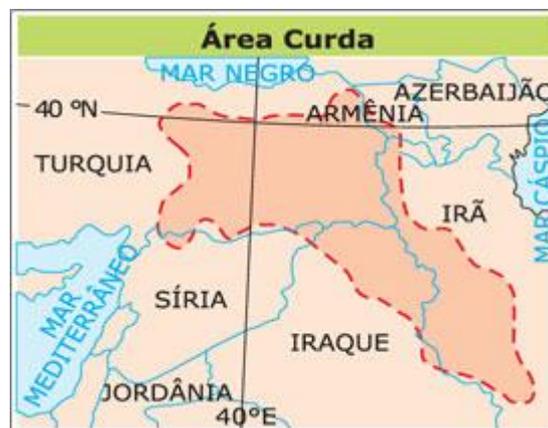
Fonte: <http://www.turquia.net/wp-content/uploads/2011/03/fronteras-de-Turquia-copy.jpg>

Historicamente, a Turquia procura tirar proveito de sua localização e da condição de elo ou ponte entre diferentes regiões, para angariar prestígio e melhor condição de barganha junto aos principais atores de seu contexto geoestratégico. Sob a liderança de Erdogan, o país também dá mostras de crescente disposição de alcançar o status de potência regional, o que altera substantivamente a lógica de seu relacionamento com as grandes potências e com os países em seu entorno regional, relacionamento este já caracterizado por importantes disputas com quase todos seus vizinhos, como sumarizado a seguir.

Com a Armênia, país com o qual a Turquia não mantém relações diplomáticas, persistem diferenças em torno de duas graves questões: a primeira envolve a morte de mais de um milhão de armênios perpetrada pelo governo otomano durante e em seguida à Primeira Guerra Mundial e a recusa da Turquia de reconhecer o fato como genocídio; a segunda, o alinhamento da Turquia com o Azerbaijão em seu conflito com a Armênia (1988-1994).

Com o Iraque, a principal questão se estabelece em torno do conflito com os curdos e da reivindicação por independência e criação de um Estado curdo a partir da região semiautônoma ao norte do Iraque, ora sob controle curdo e que abriga importantes reservas energéticas. Cumpre destacar que a área de presença curda alcança quatro países, além da própria Turquia (Irã, Iraque, Síria e Armênia), como se vê na figura 2.

Figura 2



Fonte: <http://clebinho.pro.br/wp/wp-content/uploads/2015/03/2002-61-171-48-i010.jpg>

Com o Irã, embora diferindo fortemente em relação ao apoio prestado por Teerã ao governo de Bashar Al-Assad na Síria, a Turquia procura aproximação com base no interesse de diversificar suas fontes de suprimento de gás e de petróleo e no propósito de impedir a criação de um estado curdo.

Com a Síria, a Turquia mantém relações conturbadas, em razão de conflitos limítrofes e de graves diferenças políticas, fazendo oposição ao regime de Assad. Com a União Europeia, sustenta importantes diferenças em torno da questão do Chipre e das condições colocadas pelo bloco para sua eventual admissão naquela união econômica e política. Finalmente, com a Rússia, as diferenças se estabelecem em torno de recursos energéticos e de seus mercados, das políticas em relação ao conflito da Síria, dos vínculos da Turquia com a OTAN e da sua maior proximidade histórica do país em relação aos Estados Unidos e à União Europeia.

Em tal contexto, a política e as ações da Turquia em seu entorno têm privilegiado movimentos táticos com os quais busca gerenciar o quadro de oportunidades e riscos nas relações com seus vizinhos e com as grandes potências, em um movimento recorrente que intercala pragmaticamente ações de aproximação e

distanciamento, modulando seu engajamento nos diferentes conflitos presentes em seu entorno e os próprios padrões de alinhamento, de modo a manter-se na condição de exercer influência em um ambiente regional de grande instabilidade e volatilidade política e frente também às duas principais potências atuantes em seu entorno: os Estados Unidos e a Rússia.

É sobre esse pano de fundo que devem ser considerados os desdobramentos da recente crise turca no plano geopolítico, envolvendo os seguintes aspectos: o próprio *status quo* de poder da Turquia em seu entorno; padrões de alinhamento e o equilíbrio de poder no contexto regional; a questão energética e, finalmente, os desafios de segurança de alcance transnacional como as migrações e o terrorismo, que serão abordados nos parágrafos subsequentes.

Em relação à posição de poder da Turquia, a crise tende a reforçar a tendência de fortalecimento do status de potência regional e de maior assertividade turca nas questões políticas, econômicas e geoestratégicas, refletindo, concomitantemente, seu poderio econômico, que sobrepassa o dos demais potenciais aspirantes a *hegemon* regional (Israel, Irã e Arábia Saudita), como também seu crescente poderio militar. Como apontado, a Turquia vem, gradualmente, apondo a modificação gradual de *status quo* regional à condição de ponte entre três importantes regiões e que lhe confere grande importância política e geoestratégica. Esse movimento, contudo, torna ainda mais complexo e instável o cenário político regional na medida em que também afeta diretamente os eixos de relacionamento bilateral do país e os padrões de alinhamento discerníveis em um ambiente de alta volatilidade política.

O fortalecimento do poder do Presidente Tayyip Erdogan e da influência do fator religioso em seu governo aponta para recrudescimento do antagonismo ao projeto de autonomia dos curdos na esteira da luta que empreende contra o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Nesse contexto, e considerando também outras variáveis como o recrudescimento da oposição ao governo sírio e a continuidade de apoio ao enfrentamento ao Estado Islâmico, a possibilidade de novos ataques terroristas na Turquia tende também a aumentar.

Espera-se que a repressão à oposição e a possibilidade de reintrodução da pena de morte provocará a redução do fluxo migratório que hoje possui a Turquia como destino final; em contrapartida, o fluxo de migrantes, particularmente de refugiados sírios que atravessa o país com destino à Grécia e outras partes da

União Europeia, tende a aumentar, afetando significativamente o papel da Turquia no processo mediante o qual a crise migratória vem sendo gerida.

O fortalecimento da oposição à demanda por autonomia dos curdos fomenta, por sua vez, a recente tentativa de aproximação com o Irã, ao mesmo tempo em que também faz aumentar a importância da Turquia como fator de contrapeso ao poder e influência do Irã no Oriente Médio, sobretudo após o acordo alcançado em torno de seu programa nuclear, o qual deve levar à suspensão das sanções que lhe foram impostas e ao concomitante fortalecimento da economia iraniana.

O desenlace da crise também tende a reforçar, em um primeiro momento, o recente processo de aproximação entre a Turquia e Israel, amparado na mútua dependência que possuem nos campos econômico e energético e que também compõe o tênue quadro de equilíbrio regional, como se verá adiante. No entanto, nenhuma mudança significativa deve decorrer no que diz respeito às posições turcas em relação à Síria, ao Chipre e a Armênia.

Se os desdobramentos da recente crise e de seu desenlace sobre as relações bilaterais da Turquia com seus vizinhos tendem a reforçar processos e tendências já instaladas, isso não se aplica aos padrões de alinhamento e ao equilíbrio de poder no contexto regional. A polarização política interna que acompanha o fortalecimento de posturas autocráticas do Presidente Erdogan e o tratamento dispensado às forças que lhe fazem oposição, a perspectiva de reintrodução da pena de morte e a maior influência do componente religioso em seu governo geram um distanciamento crescente em relação à União Europeia, praticamente inviabilizando o pleito de adesão da Turquia à mesma, pleito este, de resto, aparentemente deixado de lado pelo próprio governo turco.

Ao mesmo tempo, a maior importância da Turquia e seu crescente protagonismo em seu entorno a colocam como variável chave para o equilíbrio de poder em sua região e lhe outorgam maior margem de ação para buscar também aumentar seu perfil e poder de barganha junto aos Estados Unidos, em torno de apoio político às perspectivas norte-americanas sobre as principais questões estratégicas da região. Tal movimento embute também um componente de distanciamento em relação aos Estados Unidos, já perceptível anteriormente à crise, e que se expressa de modo claro na maior proximidade, ainda que também limitada, que o governo turco passou a fomentar com a Rússia e que representa, por sua vez, o desdobramento de maiores

impactos potenciais da crise no plano geopolítico. A crise acentua todos os aspectos que já alimentavam o distanciamento turco em relação aos seus até recentemente principais aliados, os Estados Unidos e a União Europeia.

Um aspecto crucial a ser observado no futuro próximo é se este distanciamento forma parte de um esforço de forjar novas bases para o equilíbrio de poder regional em uma condição na qual a Turquia tenha sua influência e protagonismo fortalecidos regionalmente e junto às duas grandes potências ou se conduzirá a uma ruptura com o padrão de alinhamento até então vigente e que a mantinha em sintonia com os interesses estratégicos norte-americanos e europeus, escudados, finalmente, na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

O desenlace da crise aponta também para o reforço da tendência de diversificação, pela Turquia, de suas parcerias no campo energético, evitando a excessiva dependência para com qualquer fornecedor individualmente. Aponta também para o fortalecimento de sua condição privilegiada na articulação de projetos de geração, distribuição e de comercialização de insumos energéticos, em particular gás e petróleo, de modo a se transformar em um grande *hub* inter-regional em matéria energética.

Em conclusão, as implicações geopolíticas da crise na Turquia, no curto prazo, tendem a ser mais importantes no que diz respeito ao fluxo de refugiados, à questão da autonomia dos Curdos e às relações com o Iraque, Irã e Israel. Já no médio prazo, o afastamento em relação à União Europeia e aos Estados Unidos e a concomitante aproximação com a Rússia podem implicar a reconfiguração dos padrões de alinhamento, o próprio equilíbrio de poder e as perspectivas de estabilidade regional, uma vez que os fatores que moldam o panorama político e que condicionam os desígnios do Presidente Erdogan não asseguram que a mudança, tanto do *status quo* de poder quanto do perfil político e estratégico da Turquia, atue como fator de estabilidade para seu entorno.

A CRISE POLÍTICO-MILITAR NA TURQUIA EM 2016: ENSINAMENTOS

Em 15 de julho deste ano, o mundo foi surpreendido com a tentativa de golpe de Estado na Turquia. Parte das Forças Armadas (FA), com o apoio de setores oposicionistas, se revoltou e a situação permaneceu indefinida, por cerca de um dia, até ficar claro que o presidente Recep Erdogan havia retomado o controle do poder. Qual é a importância da Turquia no jogo do poder das relações internacionais e que ensinamentos podem ser auferidos dessa crise em região geograficamente tão distante do Brasil?

A Turquia (Apêndice A – Mapa da Turquia e Entorno) será apresentada, resumidamente, focalizando aspectos relativos à história, geografia, economia e geopolítica. Serão feitas considerações sobre a evolução do cenário político do país até o frustrado golpe, possíveis consequências internas e externas e ensinamentos que podem ser extraídos da crise.

A República da Turquia nasceu em 1923, como resultado do êxito da revolução nacionalista liderada por Mustafá Kemal Atatürk (1881-1938), que decretou o fim do Império Otomano, esfacelado após a derrota na 1ª Grande Guerra (1914-1918), aliado que fora dos Impérios Alemão e Austro-húngaro. O Império Otomano era constituído por nações e povos de diversas etnias e origens, que compartilhavam espaços mal delimitados em seu imenso território, inclusive na península da Anatólia, considerada o “Lar dos Turcos”¹. Sua atomização ameaçava a constituição de uma nação turca unida e, por isso, Atatürk explorou o sentimento nacionalista do povo e sua ligação ao território da Anatólia e usou de diplomacia e força militar para impor modificações em

* General de brigada da reserva do Exército, pesquisador do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército, professor emérito e ex-comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

¹ O Império Otomano durou de 1299 a 1922 e se estendia pelo norte da África, sudeste da Europa e Oriente Médio, ao longo do Mar Mediterrâneo. Foi estabelecido a partir da ocupação da Anatólia por um ramo dos povos de etnia turca (SANTIAGO, 2016).

tratados de pós-guerra desfavoráveis, de modo a garantir a constituição do Estado turco soberano com base territorial naquela península.

A Turquia, em dados aproximados, tem uma superfície de 780.000 Km² (cerca de três vezes a do Estado de São Paulo) e uma população de 75 milhões de habitantes, portanto, um dos maiores e mais populosos países da Europa (FREITAS, 2016). Ocupa a Anatólia, na Ásia Menor, e se estende ao sudeste da Europa, pois ultrapassa o Mar de Mármara. Tem fronteiras terrestres com oito países: Grécia e Bulgária e a oeste e noroeste; Síria e Iraque ao sul e sudeste; Irã, Azerbaijão, Armênia e Geórgia a leste e nordeste. É banhada ao norte pelo Mar Negro, um condomínio com Bulgária, Romênia, Ucrânia, Rússia e Geórgia; a oeste, pelo Mar Egeu, defrontando-se com a Grécia; e ao sul, pelo Mar Mediterrâneo, defrontando-se com Chipre e se ligando ao Egito, Síria, Líbano, Israel e territórios árabes palestinos (Apêndice A).

Trata-se de um país emergente, integrante do Grupo dos 20 (G20)², cuja economia tende a se fortalecer e o investimento estrangeiro direto vem sendo estimulado, como se verifica em matéria do sítio *BUREAU BB* (2015), de onde foi extraído o trecho apresentado a seguir em tradução livre:

Na última década, a Turquia tem demonstrado enorme esforço para criar um mercado vantajoso para investidores. [-] Setenta por cento do total de investimento estrangeiro direto ainda é proveniente da União Europeia [-] A Turquia tem provado que seu ambiente de negócios é um dos mais atraentes no seio dos países em desenvolvimento. Existem mais de 40.000 empresas com sede internacional que negociam na Turquia [-].

O poder econômico é fator de ascensão internacional de um país e, ao se compararem vários dados mostrados no Apêndice A com os de outros países emergentes, verifica-se que a Turquia assumiu um papel relevante no contexto mundial.

De acordo com o sítio *GLOBAL FIREPOWER* (GFMR, 2016), a Turquia é a oitava potência militar do mundo, enquanto o Brasil está apenas na décima quinta posição. Hoje, aquele país é considerado uma potência média, haja vista ser ator influente em temas sensíveis, particularmente, no seu entorno regional, área de

² G20 é o grupo de países com as vinte maiores economias do mundo (SANTIAGO, 2016) e a Turquia está entre eles (BCB, 2016).

grande importância geopolítica. Esse aspecto evidencia, como ensinamento, a importância do poder militar para um país ter maior relevância nas relações internacionais.

Outros dados da economia turca, referentes a 2015, podem ser vistos no Apêndice A, em extrato de artigo publicado no sítio SUAPESQUISA.COM (2016).

A evolução político-social da Turquia não pode ser dissociada do histórico do Império Otomano, pois o núcleo de poder dessa antiga potência repousava na etnia turca, na religião islâmica comum e na identificação com a Anatólia – fatores de coesão. A geopolítica do império extinto permaneceu influenciando o novo país, mas não impediu que, após 1923, ele tomasse outros rumos para se adaptar ao mundo do pós-guerra, sobreviver e modernizar-se para enfrentar desafios surgidos com a evolução das relações internacionais na Europa, no Oriente Médio e na Ásia.

A política externa turca pós 1ª Grande Guerra adotou uma linha pacífica, seguindo o princípio “paz em casa, paz no mundo”, expressado por Atatürk (CCBT, 2016), buscou o relacionamento amistoso com os países do entorno e a neutralidade em relação às potências de então (BBC History, 2014). Após a 2ª Guerra Mundial, priorizou as relações com as potências ocidentais, haja vista conflitos de interesses com a Rússia, particularmente, nos estreitos de Bósforo e Dardanelos (SANTOS, 2013). Adicionalmente, o país ingressou na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em 1952, e pretende ingressar na atual União Europeia (UE) desde 1959.

A relevância geopolítica da Turquia pode ser compreendida, como se segue:

- é, ainda, um Estado laico asiático e europeu, portanto, com fortes ligações políticas e econômicas com o ocidente.

- é uma ponte da Europa à Ásia Central (países de etnia turcomana) e, também, ao Oriente Médio (países islâmicos e antigas províncias otomanas), facilitando as relações em geral e contribuindo para a estabilidade nas duas últimas regiões;

- faz parte da Otan e cumpriu importante papel de contenção do expansionismo soviético na direção do Oriente Médio, na Guerra Fria, à semelhança do que cumpre atualmente com relação à Rússia;

- do ponto de vista da aliança ocidental, viabiliza a projeção militar sobre o sudoeste russo, serve de proteção à Europa contra ameaças bélicas vindas do Oriente Médio e permite controlar ou conter ondas imigratórias, como tem sido na questão dos refugiados dos atuais conflitos na Síria e no Iraque;

- controla os estreitos de Bósforo (Mar Negro) e dos Dardanelos (Mar de Mármara) e assim, por integrar a Otan, pode impedir o acesso da esquadra russa ao Mar Mediterrâneo;

- como membro da Otan, pode servir de contraponto às tentativas de proeminência de potências regionais adversas da Ásia Central e do Oriente Médio, bem como permitir a passagem de forças ou a constituição de bases de apoio para operações militares, a exemplo do que vem ocorrendo nos combates contra o *Estado Islâmico*;

- é rota alternativa de dutos de petróleo e gás vindos do Cáucaso e do Mar Cáspio, diminuindo a dependência europeia do abastecimento dessas fontes de energia através da Rússia;

- por ter forte mercado consumidor, economia promissora e ser potência militar média, é e será um cobiçado parceiro, caso mantenha a estabilidade política e o Estado não adote o fundamentalismo religioso; e

- caso estabeleça fortes laços com a Rússia, facilite sua projeção nos Bálcãs, permita o acesso de sua marinha ao Mediterrâneo e facilite sua penetração no Oriente Médio, a Turquia enfraquecerá a defesa europeia e reduzirá as possibilidades da aliança ocidental atuar no Oriente Médio e na Ásia Central, onde lhes interessa disputar espaços com a Rússia e a China.

A Turquia comprova a importância de áreas geográficas de valor militar, independentemente de seus recursos, para potências globais. Dessa forma, considera-se que interesses da China e dos EUA, países antagônicos, em se projetar na América do Sul devem servir de alerta, pois o Brasil tem áreas desse valor como, por exemplo, a Foz do Rio Amazonas e o *Saliente Nordeste*.

Em 1923, a vitória da revolução nacionalista turca resultou na implantação de uma república secular sob a liderança de Kemal Atatürk, até sua morte em 1938, embora o Partido Republicano do Povo, então partido único, tenha permanecido no poder até 1945. As FA turcas, desde então, são as principais fiadoras do Estado laico. Elas promoveram quatro exitosos golpes de Estado entre 1960 e 1997, sendo o primeiro e o último por considerarem a existência de ameaças ao laicismo e às instituições seculares do país.

Atatürk implantou um amplo programa de reformas políticas e sociais modernizadoras e inspiradas nas democracias europeias, principalmente, no tocante à legislação, à administração e aos costumes, tendo substituído, inclusive, o alfabeto árabe pelo latino (BBC History, 2014). O poder político das instituições islâmicas foi neutralizado, mas o sentimento religioso da população permaneceu forte e sempre houve reações à perda da proeminência do Islã, intensificadas a partir dos anos 1950.

As raízes da crise turca de 2016 podem ser encontradas nessa reascensão de grupos islâmicos e na constituição de partidos políticos de cunho religioso, como o do atual governo. Além de iniciativas que permitiram a ocupação de espaços por grupos islâmicos no Estado e no governo, o presidente Erdogan tem tomado medidas que indicam o perfil de um líder populista e autoritário e deixam dúvidas quanto ao futuro da democracia turca. Para se firmar no poder, ele promoveu perseguições a setores da sociedade que poderiam colocar em risco seu propósito de permanência no poder, inclusive, no sentido de inviabilizar investigações que apontaram extensa corrupção em vários segmentos do governo e responsabilizaram alguns de seus aliados (MACEDO, 2016).

A fracassada tentativa de golpe permitiu a Erdogan ampliar seu poder, intensificar o processo de neutralização de setores adversários, que tenham ou não participado do movimento, e limitar, ainda mais, o poder político das FA. A imprensa internacional vem divulgando expurgos, demissões e prisões de milhares de opositores - policiais, militares, juízes e professores - bem como medidas de controle da mídia e de redes sociais. As instituições, inclusive as FA, e os poderes da República estão enfraquecidos e sob o controle do presidente, embora a oposição seja forte e congregue parte significativa da população, inclusive os seguidores do líder islâmico Fethullah Gülen, opositor ferrenho de Erdogan.

No curto prazo, o rumo autoritário adotado por Erdogan compromete a entrada da Turquia na UE, anseio que arrefeceu em virtude da demora e dificuldade em sua admissão na citada União. Por outro lado, sua importância político-militar para a Otan e a UE é motivo para limitarem, no futuro, as pressões sobre Erdogan, de modo a manter a Turquia na Organização, garantir sua cooperação no controle imigração do Oriente Médio para a Europa e assegurar seu apoio à guerra ao *Estado Islâmico*. As pressões do ocidente resultaram em uma aproximação com a Rússia, mas ela deve ser circunstancial, limitada e de curta duração, pois são dois adversários seculares. A Rússia é uma vizinha historicamente expansionista e com muitos interesses na região,

conflitantes com os da Turquia. Esta última, após Erdogan sentir-se internamente consolidado, tentará uma acomodação com os EUA e a UE, seu principal investidor.

Os propósitos de Erdogan poderiam ser a implantação de um Estado islâmico, mas não fundamentalista, que não comprometa as relações com o ocidente, facilite a projeção e influência turca nos países muçumanos, particularmente no Oriente Médio, e esteja sob sua liderança por longo tempo.

A Turquia tem uma grave ameaça à sua integridade territorial, haja vista o separatismo da população curda junto às fronteiras com a Síria, o Iraque e o Irã. O eventual apoio ocidental à constituição de uma nação curda, como retaliação, seria uma ameaça à Turquia. A questão curda serve de ensinamento ao Brasil, considerando a campanha global para o reconhecimento de *nações indígenas* autônomas e com autogoverno, no território nacional (ONU, 2008, Art. 3, 4 e 9), e a propagação da ideia de que o indígena não é cidadão brasileiro. Hoje, está sendo gestado um conflito, cujo futuro poderá constituir uma ameaça como a do movimento separatista curdo na Turquia.

É possível a ascensão de um governo islâmico naquele país, embora Erdogan vá tentar mantê-lo sob seu controle, pois antes de seu fervor religioso está o interesse em usar a religião para fortalecer o próprio poder político. O risco é esse rumo levar à ascensão política de lideranças islâmicas fundamentalistas. É um cenário que não interessa a nenhuma potência ocidental nem à Rússia, pois um governo turco islâmico fundamentalista seria fator de desequilíbrio e conflitos no Oriente Médio e em regiões russas com população islâmica.

Outro ensinamento é constatar os reflexos significativos, nas relações internas e externas de um país, quando seu entorno é palco de disputas entre potências antagônicas. A crescente presença e influência da China no entorno estratégico brasileiro, área de influência dos EUA, tem potencial para gerar conflitos entre essas duas potências, cujos reflexos alcançariam o Brasil, tanto na política interna quanto na externa.

O poder de aglutinação e pressão das redes sociais ficou demonstrado, pois foi por meio delas que o presidente turco colocou a população nas ruas em oposição ao golpe. Ao não tomar medidas para impedir a mobilização popular, a liderança do golpe não controlou a situação. Além disso, a reação internacional atestou a dificuldade de se impor soluções políticas ao arrepio das normas democráticas, particularmente em países de maior expressão e interdependência nas relações internacionais no mundo globalizado. Apesar de ser do

conhecimento geral o perfil autoritário do presidente turco, haja vista as medidas nada democráticas que já vinha adotando (MACEDO, 2016), a comunidade internacional repudiou o golpe. Eis um ensinamento para os que pensam em soluções radicais e fora da lei, à direita ou à esquerda, para a atual crise brasileira.

Referências bibliográficas

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB), 2016. Grupo dos Vinte (G-20). Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?g20>> . Acesso em 11 ago. 2016.

BBC History, 2014. Kemal Atatürk (1881-1938). Disponível em <http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/ataturk_kemal.shtml>. Acesso em 22 ago. 2016.

BUREAU BB, 2015. Foreign Direct Investment to Turkey in 2015. Disponível em <<https://www.bureaubb.com/blog/foreign-direct-investment-to-turkey-in-2015/>>. Acesso em 11 ago. 2016.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA (CCBT), 2016. A Política Externa Turca. Disponível em <<http://www.brasilturquia.com.br/a-politica-externa-turca-256.html>>. Acesso em 21 ago. 2016.

FREITAS, Eduardo de. Turquia. UOL Brasil ESCOLA, 2016. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/turquia.htm>>. Acesso em 21 ago. 2016.

GLOBAL FIREPOWER MILITARY RANKS (GFMR), 2016. Countries Ranked by Military Strength (2016). Disponível em <<http://www.globalfirepower.com/countries-listing.asp>>. Acesso em 11 ago. 2016.

MACEDO, Daniel Almeida de. Turquia e sua Importância Geopolítica. Gazeta Digital, 2016. Disponível em <[Gazeta Digital: www.gazetadigital.com.br/.../t/turquia-e-sua-importancia-geopolitica](http://www.gazetadigital.com.br/.../t/turquia-e-sua-importancia-geopolitica)>. Acesso em 22 ago. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas. Nações Unidas, 2008. Disponível em <www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf>. Acesso em 22 ago. 2016.

SANTIAGO, Emerson. G20 (Grupo dos 20). InfoEscola, 2016. Disponível em <www.infoescola.com/geografia/g20-grupo-dos-20>. Acesso em 11 ago. 2016.

_____. Império Otomano. InfoEscola, 2016. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/imperio-otomano/>>. Acesso em 21 ago. 2016.

SANTOS. Waldeir Eustáquio dos. A Geopolítica da Guerra-fria: a relação entre Turquia e Estados Unidos na estratégia da contenção. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2013. Disponível em <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_SantosWE_1.pdf>. Acesso em 22 ago. 2016.

SUAPESQUISA.COM, 2016. Economia da Turquia. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/paises/turquia/economia_turquia.htm>. Acesso em 11 ago. 2016.

APÊNDICE A

MAPA DA TURQUIA E ENTORNO



Mapa da Turquia e Entorno: Disponível em < <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mapa-da-turquia/index.php> >.
Acesso em 22 ago. 2016.

DADOS SOBRE A ECONOMIA TURCA 2015 (EXTRATO)

- **Principais setores econômicos:** indústria, agricultura, finanças e turismo.
- **PIB (nominal):** US\$ 733,6 bilhões.
- **Taxa de crescimento do PIB:** 3,8%.
- **Posição no ranking econômico mundial:** 18º.
- **Composição do PIB por setor da economia:** serviços (63,7%), indústria (26,8%) e agricultura (9,5%).
- **Investimentos:** 18,2% do PIB.
- **Taxa de Inflação:** 6,6% (2016).
- **Taxa de crescimento industrial:** 4,5%.
- **Principais parceiros econômicos (exportação):** Alemanha, França, Reino Unido e Itália.
- **Principais parceiros econômicos (importação):** Rússia, Alemanha, China e Estados Unidos.
- **Exportações** US\$ 153,6 bilhões.
- **Importações (em 2015):** US\$ 204,3 bilhões.

ECONOMIA E BASE INDUSTRIAL DE DEFESA NA TURQUIA

1. Panorama sobre o contexto estratégico turco

Membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO) desde 1952 e aliada importante dos EUA no contexto da Guerra Fria, a atual Turquia pode ser vista como uma espécie de “ponte” entre a Europa e a Ásia. Situada entre o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo e com uma população de aproximadamente 78 milhões de habitantes¹ (19ª maior população do mundo),² além de ocupar um território de 783.562 km² (37º maior do globo), o país recentemente ganhou as manchetes internacionais após notícias de uma tentativa de golpe militar frustrado ocorrida em 15 de julho de 2016. Sob a liderança de *Recep Tayyip Erdogan*, a reação que se seguiu também atraiu os holofotes da mídia e da Organização das Nações Unidas (ONU)³ ao desencadear fechamentos de órgãos de imprensa e milhares de detenções.⁴

As fronteiras com países como Síria, Iraque e Irã também contribuem para que Ankara esteja imersa em questões do topo da agenda de segurança internacional, como o enfrentamento ao grupo Estado Islâmico (*Islamic State of Iraq and the Levant/Syria – ISIL/ISIS*), a questão dos curdos e o futuro do presidente *Bashar Assad* na Síria (WIŚNIEWSKI, 2015, p. 216-217), incluindo o envolvimento de interesses de potências como

* Doutor em Relações Internacionais (IRI-USP) e pesquisador associado do Laboratório de Estudos das Indústrias Aeroespaciais e de Defesa (LabA&D/UNICAMP) e do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx).

¹ *Invest in Turkey* < <http://www.invest.gov.tr/pt-PT/turkey/factsandfigures/Pages/TRSnapshot.aspx> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

² *CIA Factbook, Turkey* < <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

³ “*UN human rights chief urges Turkey to uphold rule of Law in response to attempted coup*”. UN News Centre, 19/07/2016. Disponível: < <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=54492> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

⁴ “*Turkey coup attempt: UN warns Erdogan government purges could violate international law after 40,000 detained*”. Independent, por Lizzie Dearden. Disponível em: < <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/turkey-coup-attempt-news-latest-un-erdogan-purges-arrests-international-human-rights-law-40000-a7198856.html> >. “*Turkey to release tens of thousands of prisoners to make room for coup suspects*”, por Tim Arango e Ceylan Yeginsu. The New York Times, 17/08/2016. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2016/08/18/world/europe/turkey-prisoners-erdogan.html?_r=0 >. Acessos em: 19 ago. 2016.

EUA e Rússia.⁵ Na base turca de *Incirlik*, por exemplo, estariam armazenados armamentos nucleares norte-americanos, lançando preocupações sobre a segurança desse arsenal à medida que instabilidades políticas recrudescem.⁶

Segundo dados do *World Bank* referentes ao ano de 2015, a Turquia possui o 18º maior Produto Interno Bruto (PIB) do globo (US\$ 718.221).⁷ Com seu centro financeiro posicionado em Istambul, seus maiores parceiros comerciais são Alemanha, China, Reino Unido, EUA e Rússia.⁸ Entre seus setores econômicos mais dinâmicos no que se refere às exportações em 2015, é possível destacar (1º) o Automotivo (US\$ 21,16 bi), (2º) o de Vestuário (US\$ 16,97 bi), (3º) o Químico (US\$ 15,41 bi), (4º) o ligado à Produção de Aço (US\$ 9,89 bi) e (5º) o de Eletrônicos (US\$ 10,49 bi), sendo que o setor de Defesa e de Aviação ocupou o 20º lugar nessa mesma relação (US\$ 1,66 bi) (TIM, 2016, p. 141).⁹ Finalmente, torna-se relevante salientar que, em termos de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o país alcançou em 2015 a 72ª posição.¹⁰ Conforme declarações do presidente Erdogan, a meta do atual governo é inserir o país entre as dez maiores economias globais até 2023, data do centenário da república turca.¹¹

2. Síntese da estrutura de força e da base industrial de defesa da Turquia

De acordo com dados disponibilizados pelo SIPRI,¹² os gastos militares da Turquia totalizaram em 2015 aproximadamente US\$15,3 bilhões (cerca de 2,1% do PIB e correspondendo ao 15º maior do planeta). Segundo dados da NATO/OTAN, estima-se que a Turquia alcançará em 2016 a marca de 1,56% de seu PIB

⁵ “*In the Syria chess game, did Putin outwit Obama?*”, por Ishaan Tharoor. The Washington Post, 16/03/2016. Disponível em: < <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/03/16/in-the-syria-chessgame-did-putin-outwit-obama/> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

⁶ “*America’s nukes aren’t safe in Turkey anymore*”, por Jeffrey Lewis. Foreign Policy, 18/07/2016. Disponível em: < <http://foreignpolicy.com/2016/07/18/americas-nukes-arent-safe-in-turkey-anymore/> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

⁷ *World Bank – World Development Indicators database* (22 July 2016), *GDP ranking* < <http://data.worldbank.org/data-catalog/GDP-ranking-table> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

⁸ *Invest in Turkey* < <http://www.invest.gov.tr/pt-PT/turkey/factsandfigures/Pages/TRSnapshot.aspx> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

⁹ *Turkish Exporters Assembly - Economy and Foreign Trade Report (TIM, 2016) – “Table 7 – Sectors’ 2015 export goals and realizations”*, p. 141.

¹⁰ *UN Development Programme, Human Development Reports, Human Development Data (1980-2015)* < <http://hdr.undp.org/en/data> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

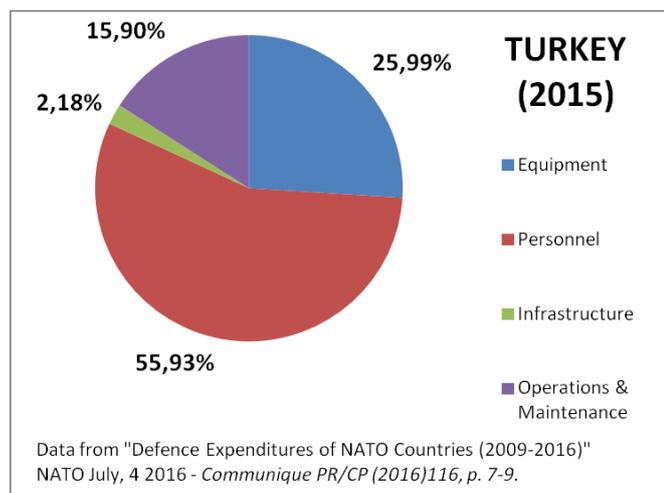
¹¹ “*Turkey needs \$110 bln in energy investment by 2023 – Erdogan*”. REUTERS, 24/04/2016. Disponível em: < <http://af.reuters.com/article/commoditiesNews/idAFL5N17ROG3> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹² *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) – SIPRI Military Expenditure Database (2014 US\$ current)* < <https://www.sipri.org/databases/milex> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

dedicado à defesa (meta da OTAN: 2%), porém atingindo 23,58% de seu orçamento militar alocado em Equipamento (meta da OTAN: 20%) (NATO, 2016, p. 2).¹³

A estrutura de força da Turquia reuniu, em 2015, 426.000 militares, tornando o país a segunda maior força militar da OTAN (atrás apenas dos EUA).¹⁴ Em 2016, estima-se que tal marca atinja 411.000 (NATO, 2016, p. 7). Em 2015, de acordo com o *The Military Balance*, Ankara possuía um contingente ativo de 510.600 (Exército: 402.000, Marinha: 48.600 e Força Aérea: 60.000), além de uma força paramilitar de 102.200. Somase a isso uma reserva de 378.700 (Exército: 258.700, Marinha: 55.000 e Força Aérea: 65.000), acompanhada de 50.000 paramilitares (IISS, 2015, p. 144).

No que se refere à aplicação de seu orçamento militar, é possível ressaltar que em 2015, por exemplo, os gastos com Pessoal (*Personnel*)¹⁵ consumiram cerca de 55,9%, enquanto a porção de Investimentos (*Equipment*) compreendeu aproximadamente 25,9% (NATO, 2016, p. 7-9)



Beneficiado por um período economicamente favorável ao longo dos anos 2000 e diante de ameaças e de incertezas em seu entorno,¹⁶ a Turquia ampliou sensivelmente sua atuação no segmento da indústria de defesa e de aviação civil. As raízes desses esforços, no entanto, remontam à Guerra Fria, como no caso da

¹³ "Graph 2 – Defence Expenditure as a share of Gross Domestic Product (based on 2010 prices and exchange rates)"; "Graph 3 – Equipment as share of Defence Expenditure (based on 2010 prices and exchange rates)" (NATO, 2016, p. 2)

¹⁴ "Turkey's increasingly complicated relationship with NATO", por Adam Taylor. The Washington Post, 19/07/2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/07/19/turkeys-increasingly-complicated-relationship-with-nato/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹⁵ "Personnel expenditures include military and civilian expenditures and pensions." (NATO, 2016, p. 8).

¹⁶ "Commentary: Growing threats reorient Turkish military industry", por Sitki Egeli. Defense News, 13/12/2015. Disponível em: <<http://www.defensenews.com/articles/commentary-growing-threats-reorient-turkish-military-industry>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

aquisição, acompanhada de acordos de transferência de tecnologia, de caças F-16 pela Força Aérea Turca (*Turkish Air Force*), contribuindo para o estabelecimento da *Turkish Aerospace Industries* (TAI) (TRICE, 1989/90, p. 5). Atualmente, o país está envolvido, por exemplo, no ambicioso projeto militar norte-americano *Joint Strike Fighter* (JSF), com uma expectativa de aquisição de cem aeronaves F-35A (*Conventional Takeoff and Landing variant* - CTOL).¹⁷ Cabe ainda salientar a participação da Turquia (com um pedido de dez aviões) no projeto da aeronave de transporte A-400M (estimativa: 170 unidades divididas entre Bélgica, França, Espanha, Alemanha, Reino Unido e Turquia, além de Luxemburgo).¹⁸

As empresas turcas, no entanto, não detém um papel de destaque no competitivo e politizado mercado internacional de produtos de defesa e de segurança.¹⁹ Na relação das cem maiores companhias desse segmento elaborado pelo SIPRI referente ao ano de 2014 (FLEURANT, PERLO-FREEMAN, WEZEMAN, P. et al., 2015, p. 4-5 e 8), por exemplo, há duas companhias de origem turca: a ASELSAN (73º) e a *Turkish Aerospace Industries* (TAI) (89º), ambas ilustrando o apoio recebido de Ankara nos últimos anos.

A ASELSAN tem investido no desenvolvimento de uma série de produtos de defesa, incluindo sistemas de mísseis (ex. *ATILGAN pedestal Mounted Stinger System* e *HISAR projects*), sistema de controle de tiro para lançamento múltiplo de foguetes e plataformas estabilizadas de tiro (ex. *STAMP*).²⁰

Já a *Turkish Aerospace Industries* (TAI) tem atuado em diversos projetos importantes do segmento aeroespacial nas últimas décadas, como a produção e a modernização sob licença de F-16, a modernização de aviões C-130, o desenvolvimento de veículos aéreos não-tripulados²¹ e a participação no desenvolvimento da família de satélites de observação/comunicações *Göktürk*.²² Além disso, a TAI implementou parcerias com a *Eurocopter* para a produção sob licença de helicópteros *AS532 Cougar* e com a *AgustaWestland* para o desenvolvimento do helicóptero de ataque *ATAK* (baseado no A/W 129 *Mangusta*).²³

¹⁷ Lockheed Martin Corporation – *f35.com* < <https://www.f35.com/global/participation/turkey> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

¹⁸ “*Organisation Conjointe de Coopération en matière d'Armement*” (OCCAR) - “*A-400M – A Tactical and Strategic Airlifter*” < <http://www.occar.int/340> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

¹⁹ SIPRI Arms Transfer Database < <https://www.sipri.org/databases/armstransfers> >.

²⁰ ASELSAN – *Capabilities* < <http://www.aselsan.com.tr/en-us/capabilities/Pages/default.aspx> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²¹ “*Turkey’s Anka UAV makes operational debut*”, por Lale Sariibrahimoglu e Gareth Jennings. IHS Jane’s Defence Weekly, 16/02/2016. Disponível em: < <http://www.janes.com/article/57882/turkey-s-anka-uav-makes-operational-debut> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

²² TAI < <https://www.tai.com.tr/en> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

²³ *Army-technology.com* – *T129 Attack helicopter* < <http://www.army-technology.com/projects/t129-attack-helicopter/> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

Outras empresas e projetos que podem ser destacados nesse sentido são a FNSS (ex. Família de Veículos Blindados sobre Rodas PARS 6x6/8x8/4x4),²⁴ a *Otokar* (ex. Família de Veículos Blindados sobre Rodas ARMA 6x6/8x8, Cobra I/II 4x4 e carro de combate Altay),²⁵ a BMC (ex. KIRPI MRAP),²⁶ a ADIK (ex. *Landing Ship Tank* – LST),²⁷ a *Istanbul Shipyard* (ex. corvetas Milgem)²⁸ e a *Roketsan* (ex. *Long Range Anti-Tank Missile* UMTAS).²⁹

3. Panorama sobre o atual sistema de aquisições de defesa da Turquia

Em 1985, a Lei nº 3238 reformulou o sistema de aquisições militares da Turquia, por meio, basicamente, do estabelecimento de cinco pilares: (1) o Comitê Executivo da Indústria de Defesa (*Defence Industry Executive Committee*), (2) a Subsecretaria para Indústria de Defesa (*Undersecretariat for Defence Industries* – SSM), (3) o Fundo de Suporte para Indústria de Defesa (*Defence Industry Support Fund*), (4) o Conselho Superior de Coordenação de Indústria de Defesa (*Defence Industry High Coordination Council*) e (5) o Comitê de Controle da Indústria de Defesa (*Defence Industry Control Committee*). O Comitê Executivo da Indústria de Defesa é composto pelo Primeiro-Ministro, pelo Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas e pelo Ministro da Defesa. Esse Comitê é responsável pelas decisões críticas atinentes a assuntos de indústria de defesa, bem como por grandes projetos de aquisições militares.³⁰ Em 2013, a SSM contava com 459 pessoas³¹ e, no mesmo ano, foi criada a *Turkish Defence Alliance* (TDA), tendo como objetivo, basicamente, promover o setor internacionalmente (ex. feiras/exposições).³²

Segundo declarações atribuídas a Erdogan, a meta do governo turco é alcançar a autossuficiência em produtos de defesa em 2023, por meio, por exemplo, de desenvolvimentos domésticos, transferências de tecnologia e parcerias.³³

²⁴ FNSS < <http://www.fnss.com.tr/en/products> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²⁵ *Otokar* < <https://www.otokar.com/en-us/products/Pages/armouredmv.aspx> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²⁶ BMC < <http://www.bmc.com.tr/savunma-sanayi/zirhli-araclar/bmc-kirpi/?lang=en> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²⁷ ADIK < <http://www.adik.com.tr/defaulten.asp?s=9&id=2> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²⁸ *Istanbul Shipyard* < <http://www.istanbulshipyard.com/en/index.html> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

²⁹ *Roketsan* < <http://www.roketsan.com.tr/en/urunler-hizmetler/hassas-gudumlu-fuzeler/> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

³⁰ SSM – *Law n° 3238* < <http://www.ssm.gov.tr/home/institutional/Sayfalar/law3238.aspx> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

³¹ SSM – *Personnel Statistics* < <http://www.ssm.gov.tr/home/institutional/hr/Sayfalar/PersonnelStatistics.aspx> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

³² *Turkish Defence Alliance* (TDA) < <http://www.tda.gov.tr/En> >. Acesso em: 19 ago. 2016.

³³ “Erdogan’s secret economic weapon”, por Ufuk Sanli. *Al-Monitor*, 04/05/2016. Disponível em: < <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/05/turkey-erdogan-secret-economic-weapon.html> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

Considerações finais

É possível observar que a Turquia aproveitou seu momento econômico favorável para incrementar sua base industrial de defesa, tornando-a um instrumento importante no contexto de suas políticas de segurança e defesa (WIŚNIEWSKI, 2015, p. 225). No entanto, incertezas político-econômicas, a profusão de projetos militares domésticos voltados para “nichos” similares (ex. Famílias de Blindados sobre Rodas PARS/FNSS e ARMA/Otokar) e a dependência de itens críticos (ex. motores de origem alemã do *Altay*)³⁴ evidenciam alguns dos desafios presentes para a manutenção (e atualização) dos conhecimentos e tecnologias alcançados nas últimas décadas. Nesse contexto, a conquista de mercado externo para a indústria de defesa e de segurança turca, assim como no caso brasileiro, pode ser vista como um fator decisivo em termos de conferir “escala” de produção e de possibilitar o aperfeiçoamento de seus principais projetos. Porém, outros entrantes significativos no mercado internacional de defesa, como Coréia do Sul, Índia e o próprio Brasil, apenas tendem a acirrar essa competição, suscitando espaços para estratégias governo-a-governo e fatores econômico-industriais (ex. *offsets*). Por fim, embora a Turquia tenha assinado o Tratado sobre o Comércio de Armas (*Arms Trade Treaty – ATT*),³⁵ torna-se relevante acompanhar em que medida a expansão da base industrial de defesa turca e de suas transferências internacionais de armamentos pode impactar no seu já instável entorno regional.

Referências bibliográficas

FLEURANT, Aude. PERLO-FREEMAN, Sam; WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T.; KELLY, Noel. “*The Sipri Top 100 Arms-producing and military services companies, 2014*”. SIPRI Fact Sheet, December 2015. Disponível em: < <http://books.sipri.org/files/FS/SIPRIFS1512.pdf> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

IISS – International Institute for Strategic Studies. “Chapter four: Europe” In: _____ “The military balance 2015”, p. 57-158.

³⁴ “*Turkey’s formidable defence industry – rising star or NATO’s unruly ally?*”, por Grant Turnbull. Army-technology.com, 02/04/2014. Disponível em: < <http://www.army-technology.com/features/featureturkeys-formidable-defence-industry-rising-star-or-natos-unruly-ally-4207115/> >. Acesso em: 20 ago 2016.

³⁵ *United Nations Office for Disarmament Affairs - UNODA/ATT* < <https://www.un.org/disarmament/convarms/att/> >.

NATO – North Atlantic Treaty Organisation. “*Defence Expenditures of NATO Countries (2009-2016)*”. Press Release, Comunicado PR/CP(2016)116, 4 July 2016. Disponível em: < http://www.nato.int/cps/en/natohq/news_132934.htm >. Acesso em: 20 ago. 2016.

TIM - Turkish Exporters Assembly. “*Economy and Foreign Trade Report – 2016*” (Last updated on Thursday, August 4, 2016). Disponível em: < <http://www.tim.org.tr/en/press-room-publications-reports.html> >. Acesso em: 20 ago. 2016.

TRICE, Robert H. “*International Cooperation in Military Aircraft Programs*”. The DISAM Journal, Winter, 1989/90, p. 69-76.

WIŚNIEWSKI, Rafał. “*Military-Industrial aspects of Turkish defence policy*”. ROCZNIK INTEGRACJI EUROPEJSKIEJ, nº 9, 2016 [DOI: 10.14746/rie.2015.9.14]. Disponível em: <<https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=419419> >. Acesso em: 20 ago. 2016.